

Meta pressupõe entrada elevada de capital externo

24

CECILIA COSTA

Para um Produto Interno Bruto que está entre US\$ 400 bilhões a US\$ 500 bilhões, um déficit em conta corrente abaixo de 2% do PIB equivale a uma cifra abaixo de US\$ 8 bilhões a US\$ 10 bilhões. Tudo indica, portanto, que o Governo continua achando que vai entrar no país este ano cerca de US\$ 8 bilhões a US\$ 10 bilhões líquidos, mesmo com a crise do México e o susto que os investidores estrangeiros levaram, no final do ano passado e início deste, com suas aplicações na América Latina. Pois somente se houver elevada entrada de recursos faz sentido manter a tese de que vale a pena ter déficit em transações correntes, também elevado, já que este déficit eliminaria o impacto monetário na economia criado pela vinda do capital estrangeiro (isto é, a conversão dos dólares em reais).

A intenção do Governo revela também que a equipe econômica não descarta uma queda substancial no superávit comercial, este ano. Somente com uma balança comercial praticamente zerada, poderíamos ter um déficit em transações correntes de US\$ 8 a 10 bilhões, pressupondo que a conta de serviços esteja negativa por volta de US\$ 7 bilhões a US\$ 10 bilhões. Já na hipótese de um déficit de 1% do PIB — US\$ 4 bilhões a 5 bilhões — a balança po-

deria ficar superavitária em US\$ 5 bilhões, caso a conta de serviços fosse negativa em US\$ 10 bilhões. Isso porque no balanço de pagamentos a conta de transações correntes inclui a balança comercial e a conta de serviços, esta geralmente negativa devido ao pagamento de juros ao exterior.

Quando a balança comercial é muito superavitária, como tem sido nos últimos anos, ela é capaz de cobrir as despesas do país com serviços e ainda por cima gerar um pequeno superávit em conta corrente. É por isso, aliás, que muitos economistas têm assinalado que o país tem a anomalia de ser superavitário tanto na balança comercial como na conta de capital. Anomalia porque um país em desenvolvimento precisa é usar o dinheiro que recebe do exterior para compra de máquinas e equipamentos, em vez de captar dinheiro lá fora apenas para acumular reservas. Deste ponto de vista, Gustavo Franco está adotando a política certa ao optar por uma taxa de câmbio que resulta em redução do superávit comercial. Só que fica uma pergunta no ar: o dinheiro externo realmente entrará este ano? Quanto virá? Ou o Governo está querendo mesmo é perder reservas? Afinal de contas, perder reserva tem um lado extremamente positivo: retira real da economia, ou seja, trata-se de uma ótima política monetária contracionista.